



## Reescritura e organização sintagmático-discursiva: utopias possíveis

**Autoria:** Felipe de Andrade Constancio - - -

**Resumo:** A experiência do vestibular e as práticas de engessamento de produção textual mostram-nos o quão prejudiciais tornam-se as relações com a(s) textualidade(s), na medida em que se apagam os respectivos projetos de dizer (não existe planejamento na produção textual escolar) e de autoria (os textos da escola básica anulam a relação enunciado-enunciador-enunciação). Considerando a produção textual pelo viés de um continuum, este trabalho explora a prática de redação a partir da perspectiva de um processo em construção, o que implica dizer que, do rascunho à versão final, os textos materializados em gêneros caminham sempre em direção à sua progressão temática e à sua teia de relações significativas. Na perspectiva do continuum e do processo, temos trabalhado, recentemente, com o aparato teórico-prático da reescritura, entendida não como mera higienização textual mas como prática que enseja a retextualização e a reflexão sobre os itens linguísticos, a saber: predicação, conexão, referenciação e modalização. Para este trabalho, adotamos o aparato teórico-metodológico da gramática em perspectiva funcional, na medida em que essa teoria reivindica a noção de que os usos subjazem o sistema que organiza a linguagem. Para o funcionalismo, a modalização implica, grosso modo, os níveis de comprometimento do enunciador com o seu enunciado, de modo a construir proteção de face, sobretudo, na escrita, já que esta é monitorada em sua essência. Trazemos para análise, neste trabalho, uma “lei utópica” produzida por um aluno de escola básica pública do Estado do Rio de Janeiro e a sua respectiva reescrita. Na comparação de ambos os textos, observam-se os recursos morfossintáticos e até mesmo argumentativos empreendidos pelo aluno do 9º ano do Ensino Fundamental.